Correio da AESE
PANORAMA
3.fev.2021
N.771
AESE BUSINESS SCHOOL
www.aese.pt

Índice

A bolha das ideias dominantes 1
O atrativo de uma Miss com estilo próprio 2
"El rebaño excelente" 3
"Onde Estás, Bernadette?" 4

A bolha das ideias dominantes

Hoje está na moda reconhecer que vivemos em bolhas ideológicas. Trata-se de um avanço admitir que nos fecharmos em câmaras de ressonância onde somente se ouve o eco "dos meus", torna insípida a própria vida intelectual e o debate público. Pelo mesmo motivo, também se deveria celebrar haver pessoas dispostas a pensar e a falar fora da caixa das opiniões em voga.

Em 2011, Eli Pariser ("Aceprensa", 19.9.2017) soou a voz do alarme sobre como os algoritmos se servem dos nossos gostos para nos proporem conteúdos personalizados, evitando que possamos aceder a outros menos conformes. Desde essa altura, multiplicaram-se os apelos para que furemos as bolhas e decidamos ir ao encontro de ideias que desafiem a nossa forma de ver o mundo.

Alguns meios de comunicação quiseram lançar o seu grãozinho de areia, procurando a maneira de oferecer uma variedade maior de abordagens. A jornalista María Sánchez Díez citava como exemplos as informações que levam a sério os votantes de políticos criticados por esses meios de comunicação; as contratações de analistas que não seguem a linha editorial; ou as ferramentas que mostram, no final de uma notícia, pontos de vista alternativos sobre o assunto tratado.

Há quem negue que os algoritmos tenham um peso assim tão determinante. Ao fim e ao cabo, a pessoa pode sempre decidir o que fazer com as recomendações, venham elas de uma máquina, ou dos editores de um meio de comunicação. Somos livres de decidir que notícias lemos e a quem seguirmos nas redes sociais.

De qualquer forma, o facto de existir uma sensibilidade maior para com a fragmentação do espaço público em bolhas ideológicas é uma boa notícia. Se admitimos que essas câmaras de ressonância são doentias, é porque estamos dispostos a ir em busca das explicações mais valiosas. E como estamos conscientes de que, na verdade, a nossa compreensão da realidade é limitada, mostramos estar dispostos a conceder aos que vivem noutras bolhas, a possibilidade de algumas vezes poderem ter razão.

Há, além disso, uma razão de pura conveniência pessoal: uma vida atenta ao que se diz fora do nosso espaço ideológico torna-se muito mais estimulante. "Sem o confronto, (…) acaba-se por viver de imitação e conformismo", afirma Bruno Mastroianni em "La disputa felice". Pelo contrário, os que se expõem a outros pontos de vista, descobrem conteúdos, perspetivas e modos de dizer inovadores.

Por tudo isso, os apelos para furar as bolhas ideológicas deveriam ser bem-vindos. Mas aí surge o paradoxo: se admitimos que uma vida de costas voltadas para os que pensam de forma diferente de nós empobrece a nossa compreensão do mundo, qual o motivo porque encaramos logo com maus olhos a variedade de pontos de vista em debates controversos? Qual a razão porque quem discorda das opiniões da moda e tenta avançar com uma abordagem diferente, de forma respeitadora, tem de estar na defensiva?

Não deixa de ser paradoxal que a crescente rejeição das bolhas tenha coincidido no tempo com a diminuição no leque de

opiniões, sobretudo no âmbito universitário anglo-saxónico. O que motivou propostas como uma "NATO" de académicos, intelectuais e escritores, na qual os seus membros prometem defender-se mutuamente se se virem acossados pelas suas ideias; um sindicato pela liberdade de expressão, que propicia acesso a advogados, especialistas em comunicação e especialistas em micro mecenato para enfrentar uma campanha de linchamento mediático; uma coligação de professores, conhecida como a "Universidade heterodoxa", que fomenta a diversidade intelectual nos *campus*…

Um elemento comum a estas iniciativas é o desejo de prestar apoio aos que se atrevem a questionar a ortodoxia que foi imposta nalgumas universidades, onde, por exemplo, feministas críticas estão sob o escrutínio das autoridades académicas por se negarem a admitir que identidade de género é uma categoria mais decisiva do que o sexo biológico. Neste contexto de intolerância, é mais fácil que discordantes se sintam amedrontados. E é precisamente esse silêncio o que reforça a hegemonia de opiniões tidas por intocáveis.

Neste prisma pode ver-se também uma retratação pública de Jeremy Irons na Berlinale. Quando foi anunciado no ano passado que ia presidir ao júri do certame, houve protestos porque em 2013 se havia expressado contra o aborto e o casamento entre pessoas do mesmo sexo. O ator quis clarificar a sua posição "para sempre", manifestando que agora apoia essas duas posições. Logicamente, Irons é perfeitamente livre de mudar as suas posições. O interessante do caso é que se apresente a retratação como o final da "polémica". Na realidade, "a polémica" é que os organizadores dos protestos não aceitavam que Irons tivesse tido no passado opiniões diferentes das suas.

A narrativa dos algoritmos como criadores de bolhas acerta em referir um problema real: o do enclausuramento em mundos ideológicos herméticos e incomunicáveis. Mas insistir no aspeto tecnológico não vai resolver o problema de fundo: a dificuldade em tolerar a liberdade de pensar e de dar uma opinião em contracorrente.

J. M.

O atrativo de uma Miss com estilo próprio

De acordo com o autor de ***bestsellers*** norte-americano John Eldredge, a "parte mais sensível" de uma mulher é a sua beleza. Talvez em nenhum outro ponto do seu ser, seja uma mulher tão vulnerável como quando levanta a questão da sua própria beleza. Talvez, no entanto, não haja nenhum outro ponto no seu ser que tenha tanta força. Mas o que torna bela uma mulher, uma pessoa?

"Para mim, a beleza tem a ver exclusivamente com caráter e personalidade; tudo o resto é mera estética", afirma Leonie Charlotte von Hase. A 15 de fevereiro do ano passado, esta mulher de 35 anos foi eleita oficialmente como a mulher mais bela da Alemanha. De sorriso radiante, é a vencedora mais velha na história dos concursos de Miss Alemanha… e a primeira mulher que consegue este título sendo mãe.

A sua eleição como Miss Alemanha 2020 não só foi merecida, como também mostra a reorientação consciente que teve o concurso. Quem for coroada como vencedora sê-lo-á não tanto por uma "beleza superficial", mas pela autenticidade e pelo caráter.

Leonie von Hase é, efetivamente, uma mulher com perfil próprio. Nasceu na Namíbia de pais germano-africanos e cresceu com três irmãs mais velhas numa quinta. "A minha infância foi marcada pela pureza; não o foi pela influência dos meios de comunicação", recorda. "Não tinha nenhum ideal de beleza, com exceção da minha mãe". O amor de Von Hase pela Natureza manteve-se também na grande cidade. Na Cidade do Cabo estudou Artes Dramáticas, Filologia Inglesa e Ciências da Comunicação; mais tarde viveu em Londres, Estugarda, Berlim, Atenas, Milão e noutras cidades. "Uma vida em estreito contacto com a Natureza faz parte da minha harmonia pessoal", explica. "E, por isso, afirmo que qualquer pessoa que passa algum tempo na Natureza irradia um maior equilíbrio".

Para Von Hase, o que é decisivo é a autenticidade, não a adaptação às ideias difundidas pelos meios de comunicação. "Em geral, parece-me difícil que uma pessoa se decida a orientar-se pelos ideais sociais de beleza". Os meios de comunicação e a indústria cosmética transmitem constantemente às mulheres, seja subliminar ou abertamente, que se encontram no "abismo da sua beleza" e que têm de fazer isto ou aquilo para melhorarem a sua aparência.

Mas não será esta uma ideia que também impulsionam os concursos de beleza? "Penso que cada mulher pode e deve decidir por si mesma se pode beneficiar em participar num concurso de beleza", diz Von Hase. Especialmente nos países do Terceiro Mundo, uma vitória poderia ser um trampolim para as jovens e as suas famílias. "No entanto, não me candidatei a Miss Alemanha por querer ganhar um concurso de beleza, mas porque o concurso já não se limita a tratar de beleza, mas de muito mais".

Talvez este "muito mais" tenha aproximado o concurso de Miss Alemanha à própria essência da beleza. Ao fim e ao cabo, a beleza é "muito mais" ou talvez algo completamente diferente das medidas ideais do corpo e dos bons cosméticos. "Uma pessoa pode ter um rosto maravilhosamente simétrico, mas se não irradiar simpatia, não é belo", afirma Von Hase. Ou seja, que o núcleo da beleza de uma pessoa se encontra por debaixo da superfície dos seus traços faciais. A beleza parece ser sobretudo um assunto do coração. "A verdadeira beleza de uma

mulher reflete-se na sua alma", escreve Audrey Hepburn. "É o cuidado que dá com amor, a paixão que mostra".

Eldredge também encara o tema da beleza própria como estreitamente ligado ao amor. "Será que sou adorável?" é a "pergunta do coração" que faz a si própria uma rapariga. Talvez uma mulher somente possa irradiar a verdadeira beleza se encontrou uma resposta a esta pergunta na consciência segura de ser amada e na transmissão deste amor. Diz Hepburn: "A beleza de uma mulher deve ser vista a partir dos seus olhos, porque são a porta do seu coração, o lugar onde reside o amor".

Também Leonie von Hase presta atenção aos olhos quando se encontra com uma pessoa… e, depois, aos sapatos. Na sua plataforma *online* The Leonie Store, oferece roupa e produtos *vintage*. Von Hase encara a roupa sobretudo como "expressão criativa". "Não me interessa seguir as tendências da moda ou os ideais de beleza pré-determinados", diz. "Isso é exatamente aquilo de que gosto tanto no *vintage*. Tudo é único; o estilo é sempre único".

No entanto, não está certa de que a beleza seja essencialmente um tema típico das mulheres como, por exemplo, sublinha Eldredge. "Penso que as mulheres se viram reduzidas a esse tema durante demasiado tempo". Contudo, Von Hase considera que "o sentido da beleza e da estética" é uma "qualidade femi-nina", seja "por prestar atenção a um belo ramo de flores, ou ao desenho da casa própria". Na sua opinião, converter-se em mãe também é formativo para a perceção do próprio meio: Von Hase tem um filho pequeno. "Com a experiência de ser mãe tornei-me muito sensível e sinto-me rapidamente tocada pela beleza da Natureza, pelos momentos comoventes com o meu filho, mas também por temas sociais que irão influir no futuro do meu filho".

Como o concurso de Miss Alemanha de 2020 deixou particularmente claro, a beleza é menos uma questão de aparência do que uma expressão de qualquer pessoa. A beleza vive da história, das experiências, da atitude de uma pessoa, brota do coração. Talvez precisamente por isto seja tão decisiva a autenticidade que Von Hase desejava na sua declaração sobre o concurso de Miss Alemanha.

A. M.

"El rebaño excelente"

"Excellent Sheep"

Autor: William Deresiewicz
Rialp. Madrid (2019)
278 págs.

Se no panorama atual existe uma voz crítica e incisiva sobre a situação em que se encontra a universidade e, nomeadamente, nas consideradas de elite, é a de William Deresiewicz. Precisamente por isso, a publicação em castelhano do seu polémico ensaio sobre o ensino superior ("Aceprensa", 8.10.2014) tratou-se de uma contribuição oportuna a mostrar até que ponto interessa que possamos refletir sobre a função da universidade atualmente.

Aborda-se nestas páginas o tema do predomínio de uma conceção utilitarista do ensino superior, que por vezes é entendido como um investimento necessário para exercer uma profissão e alcançar um certo estatuto socioeconómico. Para Deresiewicz, todavia, a universidade deve ser concebida como um profundo projeto de desenvolvimento intelectual e descoberta, onde os professores são essenciais.

Mas a sua experiência e a dos seus alunos convenceu-o de que, infelizmente, não é essa a universidade de hoje. Tanto assim é, que os estudantes, quando terminam o seu percurso universitário, não sabem realmente "o que fazer com as suas vidas". Sem dúvida, são inteligentes e "competentes", acumularam méritos e seguiram o caminho que lhes marcaram, mas falta-lhes imaginação, coragem e liberdade interior para decidir e "inventarem-se a si próprios".

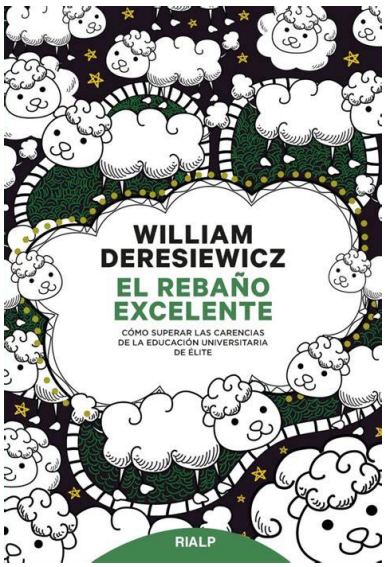
Deresiewicz considera que há dois ingredientes que podem ajudar na definição e escolha de um projeto de vida próprio. Um deles seria a presença de cadeiras de humanidades que complementem e enriqueçam a perspetiva e os conhecimentos associados às cadeiras específicas do curso escolhido. Pela sua natureza e finalidade, estas matérias proporcionam reflexão e preparação para toda a vida, e não exclusivamente para a posterior obtenção de um emprego. O outro seria recuperar o papel e a influência que os professores podem e devem desempenhar nessa etapa formativa. Mostra-se muito crítico com o sistema implantado, no qual os docentes são avaliados e valorizados pela investigação que desenvolvem na sua especialidade, e não pelo que realmente são capazes de ensinar nas aulas.

Em face disto, o autor afirma, apoiando-se em testemunhos de estudantes, que aquilo que estes esperam realmente dos seus professores é que "os desafiem e se preocupem com eles". Quando mencionam aqueles que maior impacto tiveram nas suas vidas, referem duas qualidades principalmente: a de que "ensinam sobre tudo", no sentido de, com liberdade e abertura

de espírito, ligarem a sua matéria letiva com assuntos de fundo e relevantes; e a sua capacidade para "lhes mudar a vida".

A título de conclusão, para Deresiewicz, interrogar-se para que serve a universidade, é como perguntar para que serve a vida, a sociedade ou as pessoas. E, do ponto de vista de cada estudante, uma universidade com maiúsculas não é o lugar onde conseguir aquilo que se quer ou não ser, mas onde se irá ajudar quem estuda a converter-se em quem nunca havia sonhado.

L. B. M.



"Onde Estás, Bernadette?"

"Where'd You Go, Bernadette"

Realizador: Richard Linklater
Atores: Cate Blanchett; Billy Crudup
Duração: 101 min.
Ano: 2019

O realizador e a atriz deste filme chamam logo a atenção, pois ele realizou "Boyhood" e ela atuou no "Blue Jasmine", duas obras que vale a pena rever...

No presente filme, tudo gira em redor de uma mulher, casada e com uma filha. Pouco a pouco vamos conhecendo o seu ambiente familiar, o espaço onde vive e acima de tudo, vão sendo revelados os traços da sua personalidade. Apresenta sinais evidentes de alguém pouco sociável e que não cultiva a empatia. Ao confiar menos nas pessoas, vai depositando um maior crédito na tecnologia e nas redes sociais, o que será fatal para a harmonia no casal… de repente, todo o seu mundo entra em colapso.

Uma crise é sempre uma oportunidade! O marido entra em cena e dá-se conta que tem mesmo de compatibilizar a "vida pessoal" com a "vida profissional". Ela, por sua vez, vai arriscar falar "ao vivo" com as pessoas e acaba por encontrar apoio onde menos espera: numa amiga a quem "odiava", mas em especial, num antigo colega de trabalho. Ele dá-lhe o conselho de voltar a desenvolver projetos profissionais. Diz-lhe para esquecer os desaires sofridos e que se lance. A criatividade não deve ser sufocada por traumas e receios. Ela assim o faz… e o resultado é inspirador!

Tópicos de análise:

1. Quando se fala com franqueza a solução fica à vista.
2. A harmonia familiar potencia a estabilidade emocional.
3. Um trabalho bem feito, favorece a realização pessoal.

Hiperligação

Paulo Miguel Martins
Professor da AESE